



proporção, no entanto, é muito maior. Enquanto a leitura, além de livros e revistas, é feita cotidianamente em placas, anúncios, bilhetes e caixas de remédios, a escrita Braille está restrita a publicações especializadas e algumas embalagens de produtos de empresas que se preocupam com esses consumidores. O Censo revela que até 2000, 16,5 milhões de brasileiros possuíam algum tipo de deficiência visual, dos quais 2,4 milhões apresentavam deficiência permanente para enxergar.

OPÇÕES DE LEITURA Dorina de Gouvêa Nowill, fundadora da instituição que leva seu nome, dedica-se à inclusão social de deficientes visuais desde 1946, como uma forma de criar opções de leitura em Braille no Brasil, em resposta a uma busca individual que se iniciou aos 17 anos, quando enfrentou seus primeiros obstáculos com a leitura convencional. Ela própria inspirou a personagem Dorinha, de Maurício de Sousa, criada em 2004. “Há tempos vinha pensando em ter personagens com deficiência nas histórias. Seria uma forma de sugerir inclusão e, ao mesmo tempo, diversidade. Eu já tinha o Humberto, que não fala. Mas era pouco”, contou Sousa, que descreve a nova integrante da *Turma da*

Mônica como uma personagem vitoriosa, simpática e sabida. Atualmente, o instituto é responsável pela produção anual de 13 milhões de páginas em Braille (cada página de texto convencional equivale a 3 em Braille) e conta com um acervo superior a 7 mil livros e revistas faladas, a maioria composta por conteúdo didático. A participação de profissionais da voz voluntários garante a disponibilidade de best sellers como o *Código Da Vinci*, *Memórias de uma Geisha* (De Arthur Golden) e toda a coleção de *Harry Potter* (de J. K. Rowling) e da revista semanal *Veja*, disponível a partir das terças-feiras, em versões integrais em áudio. Ainda é pouco, embora as opções de leitura para os deficientes visuais brasileiros já tenham melhorado muito nos últimos anos. Muito pequena, no entanto, se comparado ao volume de impressos convencionais disponíveis: em 2003 existiam 2296 revistas e jornais disponíveis nas bancas de jornal, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação, e cerca de 35.490 livros foram publicados no mesmo ano, de acordo com dados do Sindicato Nacional de Editores de Livros.

Germana Barata



Cartaz do museu de Hamburgo

DIÁLOGO NO ESCURO

Inversão de papéis para entender necessidades especiais

Uma superfície rugosa para tocar, irregularidades sentidas na sola do pé, aromas de vegetação no ambiente, o som das folhagens e da água na ponta dos dedos. Todas essas sensações compõem a mostra *Diálogo no escuro*, que o público brasileiro pôde desfrutar durante a Expo Interativa de Ciência, que ocorreu no começo deste ano, no Rio de Janeiro. Nesse ambiente confortável, com um tranquilizante canto dos pássaros, vozes de várias partes em segundo plano, os vi-



sitantes, auxiliados por uma bengala, são conduzidos por uma guia que os leva por uma floresta até chegar ao bar, onde podem saborear um café, tudo na mais completa escuridão.

Criada há 17 anos na Alemanha, a exposição aguça os sentidos que normalmente desempenham papel coadjuvante em um mundo altamente visual, colocando o visitante numa situação de insegurança, orientado por monitores deficientes visuais, mas absolutamente à vontade na ausência da luz.

“As pessoas não acreditam no que está ocorrendo; entram em contato com pessoas cegas, num mundo completamente novo. É toda uma mudança de perspectiva”, explica com entusiasmo Andreas Heinecke, o idealizador do projeto. Quinze minutos na escuridão bastam para apagar as diferenças entre os indivíduos, enfatizar a importância da cooperação e valorizar cada um dos outros sentidos, agora essenciais para dimensionar o espaço e orientar o corpo.

Antes de chegar no Brasil, o *Diálogo no escuro* esteve em 16 países e passará por outras cidades alemãs antes de retornar a Hamburgo, onde o projeto conseguiu, há cinco anos, firmar raízes e manter um espaço permanente. A exibição se adapta à cultura local, o que pode resultar num passeio pelo interior de uma mata no Rio de Janeiro, composta por mudas vivas de plantas, grama e folhas secas no chão, ou por um ambiente repleto de música regional, como foi o caso no México.

Heinecke estima que mais de três milhões de pessoas já “dialogaram no

escuro” e outros 3,5 mil deficientes visuais colaboraram para o projeto se concretizar. “Na exposição, muitos cegos e pessoas com visão parcial abrirão os olhos dos visitantes no escuro para mostrar-lhes que seu mundo não é mais pobre, apenas diferente” conclui Heinecke.

Germana Barata

NO SILÊNCIO

Seguindo a mesma linha da experiência não-visual, em 1997 a equipe de Andreas Heinecke montou uma exibição não-auditiva para que os visitantes entrem em contato com o mundo silencioso, derrubem preconceitos e se sensibilizem com outras formas de comunicação. Nomeado de *Cenas do silêncio*, o projeto conta com monitores surdos para oito atividades. Grupos de até 12 pessoas, munidas de fones de ouvido, são incentivadas a trabalhar com a linguagem corporal, expressões faciais, gestos e sinalizações com as mãos em salas circulares, com paredes que absorvem qualquer ruído. A intenção, tanto do *Diálogo* quanto de *Cenas*, é quebrar padrões de comportamento e reverter atitudes de rejeição.

DIVULGAÇÃO

Série de quadrinhos trata ciência com humor

O estereótipo de ciência como atividade misteriosa e desprovida de humor pode estar com os dias contados. Pelo menos se depender do jornalista, cartunista e atual coordenador de imprensa do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), João Garcia. João, ou Jão como costuma assinar, criou a série em quadrinhos “Os cientistas”, que mistura informações científicas, o cotidiano da pesquisa e seus bastidores, tudo isso em uma linguagem informal e atraente: o cartum. Enquanto cursava jornalismo, João trabalhou em duas revistas produzidas pela USP ao lado de cartunistas como Laerte e os irmãos Caruso. “Foi uma aprendizagem muito importante”, relembra o cartunista, que na época ainda não desenhava charges com temas de ciência. Depois de formado, foi trabalhar no IPT e essa proximidade com a pesquisa o motivou a criar a série em quadrinhos que abordassem temas científicos. “A intenção era unir divulgação científica e humor”, comenta João.

A SÉRIE “OS CIENTISTAS” Foi em 1994 que começou a criar as